

CORPO AFETO

QUE ACHA BRECHA

NO CONCRETO



Livreto criado a partir da oficina

POESIA COMO ATO POLÍTICO

com André Gravatá

realizada em outubro/novembro de 2020

n´A Casa-Nuvem d´A Casa Tombada

A CASA
TOMBADA
Lugar de Arte, Cultura e Educação

POEMAS DE

Ciano

Bruna Spoladore

Deborah Barbosa

Fátima Santiago

Ghislaine Pelat

Júlia Lacerda Fregadolli

Juliana Roque de Souza

Luciano Domingues Bueno

Marcela Camasmie

Mari Gemma De La Cruz

Micleane Crispim

Priscila Brito

Thais Portes

ORGANIZAÇÃO

André Gravatá

PROJETO GRÁFICO

Carla Miyasaka

BORDADOS

Marcela Camasmie

AGRADECIMENTOS

Angela Castelo Branco, Giuliano Tierno e A Casa Tombada, por abrirem espaço para esse curso e confiarem na nossa poesia; Marcela Camasmie pelos bordados que transbordam poesia; e Carla Miyasaka pelo projeto gráfico que deu liga para nossa experiência coletiva.

6

O CALENDÁRIO INCOMPLETO EM QUE OS DIAS SÃO POEMAS

André Gravatá

8

13 DE MAIO DE 1888

por Ciano

9

15 DE JULHO DE 2020

por Bruna Spoladore

10

FIM DE TARDE EM BH - 2017

por Deborah Barbosa

11

1 DE NOVEMBRO DE 1922

por Fátima Santiago

12

22 DE FEVEREIRO DE 2011

por Ghislaine Pelat

13

30 DE NOVEMBRO OU 18 DE FEVEREIRO

por Júlia Lacerda Fregadolli

14

3 DE NOVEMBRO DE 2020

por Juliana Roque de Souza

16

DE 1976 DE BELCHIOR A 2020 DE MACEYORK*

por Luciano Domingues Bueno

17

7 DE MAIO DE 1987

por Marcela Camasmie

19

3 DE NOVEMBRO

por Mari Gemma De La Cruz

20

3 DE NOVEMBRO DE 2020

por Micleane Crispim

22

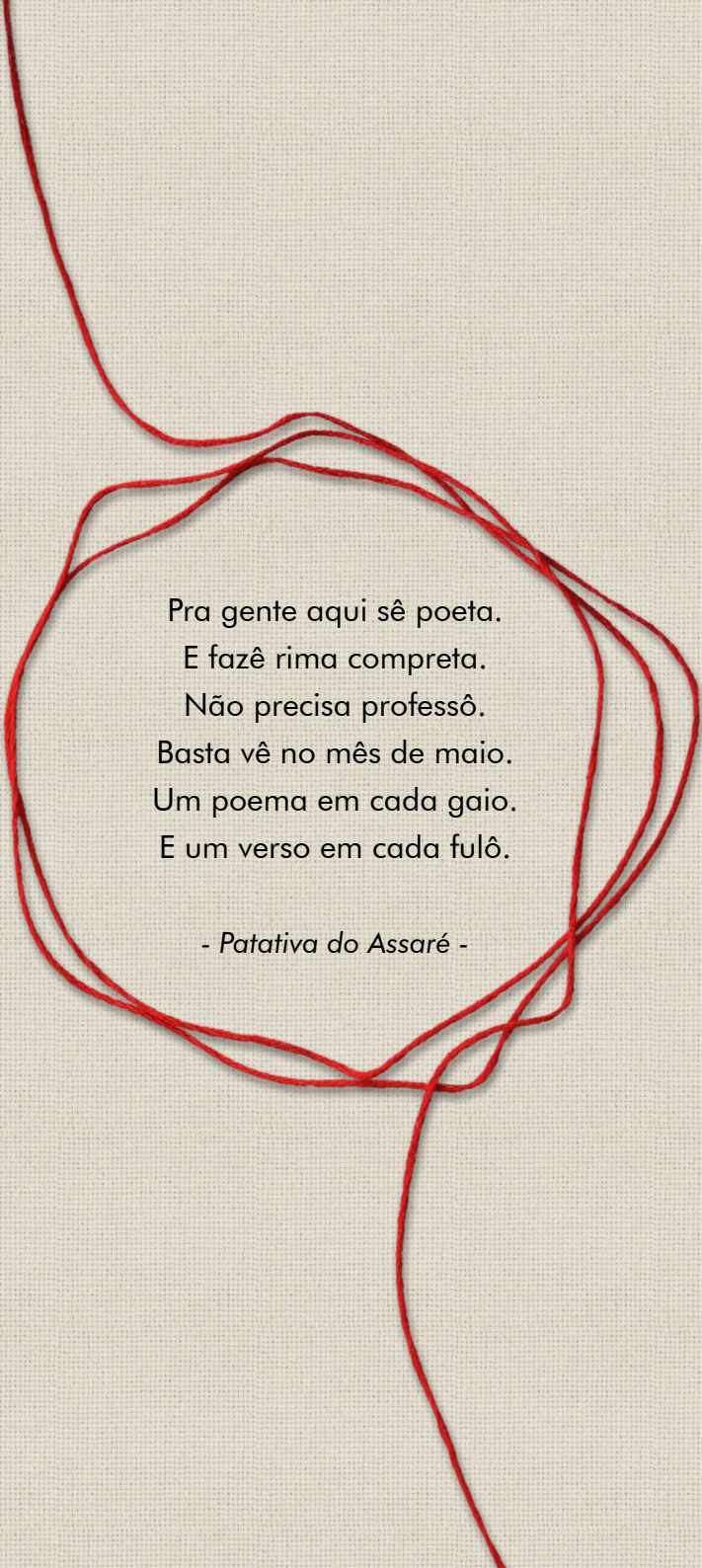
9 DE JANEIRO

por Priscila Brito

23

3 DE NOVEMBRO DE 2020

por Thais Portes



Pra gente aqui sê poeta.
E fazê rima completa.
Não precisa professô.
Basta vê no mês de maio.
Um poema em cada gaio.
E um verso em cada fulô.

- Patativa do Assaré -

O CALENDÁRIO INCOMPLETO EM QUE OS DIAS SÃO POEMAS

O tempo do calendário.

O tempo da circulação sanguínea.

O tempo dos fios da meada da memória.

No nosso ciclo de encontros intitulado “Poesia como ato político”, os fios dos dias nos enlaçaram. Inspirados em poemas da poeta Alda Espírito Santo, de São Tomé e Príncipe, presentes no livro “É nosso o solo sagrado da terra”, criamos uma série de poemas em que os títulos são datas de tempos recentes e passados.

Aqui está o corpo dos nossos dias.

Um corpo de afeto que acha brecha, que borda caminho até na borda da dor.

Agradecimento imenso a cada pessoa que se uniu na costura destes versos e, em especial, obrigado para a Marcela Camasmie, que dedicou tempo, capricho e carinho nos bordados das linhas vermelhas, e para a Carla Miyasaka, que aceitou generosamente o convite para criar o belo e aguçado projeto gráfico deste livreto.

Como diria a mestra Alda Espírito Santo: “Jamais estaremos solitárias... / Porque a nossa força há-de crescer.”

André Gravatá

ABERTURA

DE OUVIDOS

Clique **AQUI** para escutar
alguns dos poemas
falados pelas autoras
e autores.

13 DE MAIO DE 1888

por Ciano

Aurígera e gélida

Era o alvéolo preenchido de alvorada

Era alva e mais nada

Era pálida

Cingido de débito

Ser vil cá sua pele marcada

Era alvo e mais nada

Era sórdido

Era sorte que nada

Serviu-se nem como engano

Era o memo africano

E mais nada

NADA

15 DE JULHO DE 2020

por Bruna Spoladore

cheiro de baba pelo corpo,
que continha um prrrrr por dentro,

agora,

silêncio

da sua presença ficou nos dedos a sensação do pelo-penugem
e diante de seu corpinho
me pus a agradecer pela presença

CORPO

FIM DE TARDE EM BH - 2017

por Deborah Barbosa

V
I
D
A



13 de outubro de 2017

Barro e concreto,
dois arquitetos.

1 DE NOVEMBRO DE 1922

por Fátima Santiago

O céu está cinza
E Lima Barreto morto aos 41 anos de idade
Sentiu na pele a exclusão social
A vida calunga
Irreal
É importante ler Cemitério dos vivos
É preciso ler o real
Racismo mata.

LIMA

22 DE FEVEREIRO DE 2011

por Ghislaine Pelat

INÍCIO

Família

Fim de semana

O último

O único

A ficha caiu

Quem eu sou

Onde estou no tempo

No ciclo da vida

O corpo paralisou

Então é isso? Só isso?

Olho meu filho plugado em meu seio

(ele me suga a vida)

Eu crio outras vidas

É TUDO ISSO!!!

Cada qual tem o seu lugar

É peça orgânica

E tem sua função

Deixo de ser filha e viro mãe sem mãe

Várias pedras para carregar

As minhas e das que vieram antes de mim

Agora a jornada é minha

Mas trago todas elas comigo

REINÍCIO

PEDRAS

30 DE NOVEMBRO OU 18 DE FEVEREIRO

por Júlia Lacerda Fregadolli

Quis dar voz ao que se perdeu,

mas o som
não atravessa a praça

E as palavras caídas
quando não acompanham os passos

abrem rachaduras?

Será que ficam guardados
os nossos silêncios?

É preciso desatar esse nó?

Os rios de dentro da gente,
onde será que desaguam?

E como se mede um braço?
Pela quantidade de coisas
que se consegue abraçar?

RIOS

3 DE NOVEMBRO DE 2020

por Juliana Roque de Souza

Um corpo violado
Denúncia
Um direito negado
Repulsa

Por justiça, clamor
Justiça masculina
Humilhação e dor

Ela, incapaz de consentir
Mas consente quem cala
Ele, incapaz de ouvir
Mesmo se houvesse fala

O patriarcado doente
Sem ética julga
Protege quem mente
Falsa sentença promulga

Estupro culposo
Não tinha ele como saber

Mentiroso, doloso
Estupro é abuso de poder

E com valores distorcidos
Culpam mulheres violentadas
Com seus hímens rompidos
E suas vidas quebradas

E a lágrima corre
Por mais uma irmã
Quem nos socorre
Se a justiça não é sã?

JUSTIÇA

DE 1976 DE BELCHIOR A 2020 DE MACEYORK*

por Luciano Domingues Bueno

Maceyork,
nascida nos muros.

Cesária,
a palo seco.

De 76 de Belchior,

Alucinação,

a luz,

a sina,

canção.

A 2020,

alienação,

aliena nação,

alien nação.

Defesa do óbvio.

Contagem de óbitos.

Do estupro culposo

ao silêncio doloso.

Maceyork,
nascida nos muros.

Cesária,
a palo seco.

De 76 de Belchior,

Alucinação,

a luz,

a sina,

canção.

A 2020,

alienação,

aliena nação,

alien nação.

Defesa do óbvio.

Contagem de óbitos.

Do estupro culposo

ao silêncio doloso.

* "Maceyork" é uma pichação encontrada em um muro da cidade de Maceió-AL.

MACEYORK

7 DE MAIO DE 1987

por Marcela Camasmie

neste dia
minha cabeça saía
de uma barriga
cortada
marcada
eu nascia
a minha primeira casa
foi minha mãe
a casa em que eu cresci
é minha mãe
a casa corpo
a casa mãe
vigas, veias, ossos, estruturas, colunas
placenta
tijolos, pisos, portas, janelas, batentes
coração
a casa
é parida
guardada
garantida
é preciso colocar

a cabeça pra fora
ser a casa
nasce, casa
levanta
povoa esse mundo
faz endereço
mudança
pinta
reforma
abre porta
janela
deixa entrar
sair
cuida, limpa
mora
nasce, casa.

GARANTIDA

3 DE NOVEMBRO

por Mari Gemma De La Cruz

Na memória das coisas banais
Viajo pela casa
Sigo a cartografia inscrita em mim
Portos e cais
São os afetos que me moveram
No descanso contemplo a paisagem
Narrativas sem fim
Costuradas em grandes colagens
Buscando dar significado
Ao vício impregnado
De me fazer (r)existir

CASA

3 DE NOVEMBRO DE 2020

por Micleane Crispim

entre as delícias e as dores de ser mulher
mora o suportar
suportamos no insuportável
no impossível

não para que assim seja
permaneça
o contrário
suportar sendo embate
confronto
corpo oposição
voz enfrentamento
renúncia do que nunca nos coube

não desistência
existir resistindo
fazendo nascer a possibilidade de um amanhã negado
nele somos inteiras nossas e de quem quisermos ser

honrando as que vieram antes
abrindo caminhos para as que virão depois
dando graças por caminhararmos juntas

suportamos no insuportável
no absurdo
para que não seja normalizado
não é romance
é sobrevivência

o dia é 3 novembro de 2020, mas poderia ser qualquer outro

SOBREVIVÊNCIA

9 DE JANEIRO

por Priscila Brito

Pisa firme nessa vida e não se entrega
Cria estrada pra você e os dezesseis
Ceifa a erva e abre o chão que te renega
Pede ao céu que molhe tudo desta vez

Teus unguentos salvam vidas alquebradas
Outras almas encarnaram por tua mão
Nem por isso te pouparam da jornada
Guarda as chagas sob o sol e a sequidão

Sempre forte, sempre firme, sempre alerta
Faz da reza instrumento pra vencer
Treze deles sobrevivem à terra incerta
Tu não deixa outro filho padecer

Nem o luto tu deixou arreminar
Outra dor que escondeu no teu gibão
Da semente que deixou de germinar
Se despede e segue rumo a outro chão

REZA

3 DE NOVEMBRO DE 2020

por *Thais Portes*

Temporal

A chuva lavou a casa por dentro

Água dentro, gelo fora

Gelo liso, escorregadio, doído

O gelo derreteu e escorreu pelo ralo

Desmanchou medos, diluiu tristezas

Lavou o desentendimento

Levou embora para o subterrâneo

Se transformou em adubo junto do calor da Terra

Agora está a fecundar e a germinar flores

Quando o outono chegar o vento vai espalhar as pétalas
de todas as cores e perfumes de afetos, até os lugares mais
distantes

PÉTALA

V

I

A

A

Estas páginas nasceram no tempo da pandemia

250.720 PESSOAS MORTAS PELA COVID-19 NO BRASIL

- até o fechamento deste livreto, no dia 2 de março de 2021 -

0171A 0780

AH222 M12A 210

0171M0 0M